

AGOSTINHO NETO, POESIA E DESCOLONIZAÇÃO DA ÁFRICA NEGRA

Agostinho Neto, poetry and decolonization of black africa

Rainério dos Santos Lima
UFOPA

Resumo: Baseado nas relações tensivas entre poética e política, este trabalho detém-se sobre a produção literária do poeta angolano Agostinho Neto. A produção deste poeta está particularmente voltada ao processo de descolonização ideológica da África negra, em uma visão político-cultural que ultrapassa os limites nacionais para ecoar a todos os sujeitos humanos que sofreram a violência da empresa colonial e seus desdobramentos no decorrer da história.

Palavras-chave: poesia, descolonização, Agostinho Neto.

Abstract: *Based on tense relationships between poetics and politics, this work holds up on the literary production of the Angolan poet Agostinho Neto. His production is particularly focused on the ideological decolonization of Black Africa in a political cultural perspective that goes beyond national boundaries to echo all human voices who suffered the violence of the colonial company and its development throughout history.*

Keywords: *poetics, decolonization, Agostinho Neto.*

E digo que da colonização à civilização a distância é infinita; que, de todas as expedições coloniais acumuladas, de todos os estatutos coloniais elaborados, de todas as circulares ministeriais expedidas, é impossível resultar um só valor humano.

Aimé Césaire, *Discurso sobre o colonialismo.*

1. Introdução

Uma das mais interessantes e rendosas discussões nos Estudos Literários é a que se detém na possibilidade da arte literária possuir um caráter funcional dentro da sociedade na qual é produzida ou, ainda, um caráter político-social que não estaria propriamente atrelado a um determinado momento histórico e restrito. Haveria, dentro desse debate, aqueles que crêem no possível potencial da arte de interferir na realidade histórica como força artística mobilizadora das massas populares e oprimidas, havendo o esforço dos autores em escreverem textos literários que

possam discutir de modo crítico as problemáticas político-sociais da sociedade, textos que seriam capazes de harmonizar o pensamento ideológico à ação histórica.

Para o analista e crítico literário esses fatores sociais e políticos, expressos nessas modalidades discursivas, talvez só devessem ser considerados a partir da mediação sensível e poética da linguagem. Passando por um processo criativo, mimético e deformador da realidade representada, a interiorização orgânica na tessitura textual desses fatores sociais, filtrados pela imaginação criativa e expressiva do autor, são concretizados no objeto estético pelo uso de estratégias linguísticas de construção do texto artístico. Nesse sentido, os fatores sociais e políticos seriam internalizados no texto literário como elementos de elaboração e construção estética do mesmo, e não dissociados (Cf. CANDIDO, 2000).

Por um ponto de vista filosófico, mas não excludente do anterior, o discurso poético poderia ser delineado como aquele que foi escrito para ser potencializado de significados. Metaforicamente, o texto poético é o discurso dos silêncios, do não dito, do incompleto, o discurso que, por excelência, suscita interrogações, convidando o leitor a preencher as lacunas do texto e a desvendar os sentidos ocultos e latentes. O signo literário possuiria um caráter polissêmico, aberto, e induziria ao pensamento reflexivo, a trabalhar ideias, princípios, valores, dentro do campo da sugestão, do não dito. O leitor seria provocado pelo signo da poesia a pensar, a problematizar, a intuir sobre as questões da realidade factual. Seriam signos que, incompletos semanticamente, seriam capazes de forçar o pensamento e a participação do leitor. O signo literário teria a potencialidade de acionar e fazer girar os outros saberes, como quer Barthes (2002). Nesse entendimento, é compreensível que, em *Proust e os signos*, Deleuze defenda que “todos os signos convergem para a arte; todos os aprendizados, pelas mais diversas vias, são aprendizados inconscientes da própria arte. No nível mais profundo, o essencial está nos signos da arte” (DELEUZE, 1987, p.14).

Essa reflexão filosófica não invalida o caráter mimético do signo literário. Seja em qualquer gênero ou estilo, a *mimesis* – não entendida no sentido simplório de reflexo da realidade ou de imitação da realidade, mas enquanto representação ficcional – é a própria *poiesis*, isto é, a feitura artística que concretiza imaginariamente um mundo ficcional com vínculos com o real, embora não esteja subordinado a ele. Esse raciocínio mantém a obra de arte ligada aos fatores exteriores à sua estrutura estética, mas esse dado exterior factual, social, internalizado nas malhas do texto, já não tem compromisso com a veracidade ou com a coerência do mundo objetivo e, sim, ao possuir ontologia ficcional, obedece às normas internas da linguagem artística no qual foi configurado. No caso da literatura dita realista, por exemplo, o mundo ficcional do texto proporcionaria uma *ilusão referencial* ao tentar configurar objetivamente facetas do real e da

existência humana (BARTHES, 1988, p.149). O leitor penetraria na malha textual suspendendo a descrença, como queria Coleridge, pré-disposto a não procurar verdades, mas sabendo que o mundo imaginário, imagem verbal da realidade, não está totalmente distanciado de formas cognitivas de representação desse real, senão da História.

Lembramos, ainda, que essa aparente liberdade do signo literário não o isola das estruturas de poder que regem a sociedade na qual ele circula. Os signos que compõem o discurso que se quer literário, como importantes elementos das relações sociais e da construção do imaginário social coletivo, estariam em um campo de luta ideológica. Tais signos, afirma Terry Eagleton, seriam, “na verdade, os próprios veículos materiais da ideologia,¹ já que sem eles não poderia existir valores e ideias” (EAGLETON, 2006, p.176). Isso seria interessante, por exemplo, caso o enfoque da pesquisa fossem as relações e interpenetrações entre a História e a Literatura, consideradas artefatos ficcionais, pois ambos trabalham com a *representação* imaginária da realidade factual.

Essa introdução teórica talvez seja atraente quando se contempla a produção de um poeta africano como Agostinho Neto, considerado por Leonel Cosme (s/d) como aquele que faria uma ligação ideológica entre marxismo e africanidade. A proposição de Leonel Cosme não é absurda se considerarmos que a produção poética de Agostinho Neto foi contemporânea ao movimento neo-realista português, no qual os escritores lusófonos tentavam se aproximar das classes desfavorecidas através de uma produção literária que as tematizavam ficcionalmente. Em outras palavras, o autor ansiava por colocar-se do ponto de vista das classes subalternas, tomando-as não só como objeto de representação, mas também como sujeitos de discursos que confrontavam as classes hegemônicas em prol da descolonização ideológica da África de língua portuguesa.

No poema *Saudação*, por exemplo, temos a explicitação dessa orientação ideológica na obra de Agostinho Neto, um verdadeiro apelo poético à expressão da negritude como elo de solidariedade e de identidade entre os negros africanos:

A ti, negro qualquer
meu irmão do mesmo sangue
Eu saúdo!

Esta mensagem
seja o elo que me ligue ao teu sofrer
indissolúvelmente

¹ Para o conceito de ideologia adotamos a síntese de Terry Eagleton: “Por ideologia quero dizer, aproximadamente, a maneira pela qual aquilo que dizemos e no que acreditamos se relaciona com a estrutura do poder e com as relações de poder na sociedade em que vivemos”. (EAGLETON, 2006, p.22)

e te prenda ao meu ideal

Que me faças sentir
a dor e a alegria de ser o negro-qualquer perdido no mato
com medo do mundo ofuscante e terrível
e nos alie agora na busca

e me obrigue a sentar-me ao teu lado
à mesa suja dos excessos de sábado à noite
para esquecer a nudez e a fome dos filhos
e sinta contigo a vergonha
de não ter pão para lhes dar
para que juntos vamos cavar a terra
e fazê-la produzir

[...]
Esta é a hora de juntos marcharmos
corajosamente
para o mundo de todos
os homens

Recebe esta mensagem
como saudação fraternal
ó negro-qualquer das ruas e das sanzalas do mato
sangue do mesmo sangue
valor humano na amálgama da Vida
meu irmão

a quem saúdo!
(NETO, 1985, p.73)

O sujeito poético inscrito no poema almeja sentir e viver a dor de todos os negros oprimidos no mundo, passando pelas mesmas experiências vivenciais daqueles com quem deseja fraternizar-se e para quem junto quer marchar em luta, comungando os mesmo ideais. Com essa definição poética e ideológica, podemos dizer que, no caso de Agostinho Neto e de outros escritores africanos que moravam na Europa nesse período, esse empenho direciona-se em tentar reescrever a África, o território étnico de origem, como discurso de pertencimento nacional – uma proposta de reinvenção da nação –, lutando para que essa nação seja libertada do jugo colonizador europeu e construída enquanto laço identitário de uma comunidade diaspórica. Para isso, há um processo difícil de enfrentamento às razões ideológicas e psicológicas provocadas pelo processo colonizador.

Em Agostinho Neto, verificamos como o processo de conscientização do negro-africano é um importante configurador dos textos poéticos, e como o autor busca, através da escrita poética, reescrever o homem negro na história da humanidade. Logicamente que não estamos defendendo que o discurso africano de Agostinho Neto pode ser comparado, sem mediações, ao discurso histórico. Mas, talvez seja hora de ressaltar que, através da linguagem

literária, Agostinho Neto poetiza fatos históricos e sociais em torno da África Negra e sua Diáspora. Desconstruindo as verdades estabelecidas pelo discurso colonial, o poeta apela para que a humanidade tenha outra leitura da história negro-africana, não focada apenas no sofrimento e no trabalho escravo, mas estruturada na resistência e na revolta.

Como aplicabilidade dessas reflexões teóricas, tentaremos desenvolver uma leitura interpretativa e analítica do poema *Sábado nos musseques*, integrante da coletânea *Sagrada Esperança* (1985), de Agostinho Neto.

2. Poética, política e descolonização africana

O poeta e ensaísta Octávio Paz, dissertando sobre o modelo de vida mexicano, diz que muitos problemas modernos contemporâneos teriam origem no sistema de exploração do período colonial (PAZ, 1984, p.67). No caso de seu país, Paz defende que os mexicanos seriam meraforicamente filhos do espanhol Hernan Cortez com a índia Malinche, sua escrava. Logo, os mexicanos seriam filhos de Malinche, isto é, filhos da violência. Isto marcaria muitíssimo os modos de vida e de expressão linguística dos mexicanos no decorrer dos séculos. Essa afirmação de Octavio Paz dialoga com a reflexão de Franz Fanon. Fanon (1993), em outro contexto, afirma que o processo colonial configurou ideologicamente os colonizados a verem o colonizador – e a elite administrativa colonial – como indivíduos e organizações que não poderiam ser substituídos, eram vistos como os únicos capazes de gerir os territórios dos colonizados, estes sendo considerados analfabetos e ignorantes.

A colonização provocaria verdadeiras doenças psicológicas, como a supervalorização da metrópole pelo africano em detrimento das terras e das gentes colonizadas. Uma marca dessa visão estaria naqueles sujeitos que, saindo das colônias, viajaram e receberam educação em instituições européias. De retorno a colônia, esses sujeitos passariam a se comportar como pseudo-europeus. Negando suas ligações com as tradições nativas e ancestrais, com seus povos comunitários, cairiam em simulacro, uma reprodução imitativa, comportamental e linguística, dos povos europeus colonizadores.

Para Fanon (1993), haveria uma negação da África enquanto origem e laço identitário dos povos que passaram pela violência da diáspora e da escravidão, propiciada pela empresa colonial. De outro lado, era recorrente nos europeus ou naqueles que se consideravam brancos, atitudes de inferiorização intelectual e de animalização dos sujeitos oriundos das colônias.

Atitudes que se revelavam nas relações intersubjetivas e na linguagem, mesmo que em espaço geográfico europeu.

Uma consequência desse complexo processo de marginalização dos povos negro-africanos seria, no decorrer dos tempos, sua exclusão para espaços citadinos não contemplados pela modernização urbana. Esses espaços seriam, na verdade, proscritos para ficarem distanciados daqueles lugares ocupados pelos descendentes da elite colonial que ainda integram as classes dominantes da sociedade angolana. Nos “bairros proscritos” – bairros que, excluídos do acesso a produtos, bens simbólicos e a serviços básicos de higiene, educação e de saúde pública – os moradores construiriam éticas e regras particulares (Cf. ZALUAR, 2004). Não totalmente fechado e incomunicável, esse espaço simbólico está em constante tensão, em aproximação e distanciamento, com as demais zonas urbanas ocupadas pelas elites dominantes coloniais. Afogados na miséria, na dependência química, na ausência de escolas, etc., os habitantes desses locais estariam distanciados de uma atitude crítica em relação a esse estado de dominação social, consequência do processo colonizador.

É enxergando-se como filho de uma África violentada que o poeta vê a necessidade de solidarizar-se e de atingir essas camadas populacionais, etnicamente negras. É assim que Agostinho Neto, no poema *Explicação*, propõe abandonar o individualismo ensimesmado da poesia lírica para – ainda que não mude de gênero literário – voltar-se para a coletividade negro-africana, em um sentimento fraternal para com o semelhante desfavorecido e sem formação letrada.

Que me importa
o perfume das rosas
os lirismos da vida
se meus irmãos têm fome?
(NETO, 1987, p.38)

Há um alargamento da abrangência da poesia lírica, do sentimentalismo ingênuo e dessinteressado para o comprometimento social com a “fome” daqueles considerados irmãos. O próprio fazer poético passa a ser comparado com as mãos dos trabalhadores que precisam conscientizar-se de sua condição histórica de filhos de uma mãe violentada e da exploração constante, como está inscrito no poema em *A tua mão*.

A tua mão poeta
partiu de mim para mim pela tua voz
pela voz angustiada da meia-noite nos muceques
pela tua voz ritmada das enxadas
nos terrenos adubados pelo sangue da sujeição
pela tua voz milhões de vozes fraternidade

amor
(*ibidem*, p.49)

Do ambiente urbano e marginal dos *musseques*² -- bairros pobres, de terra vermelha e moradias cobertas de zinco -- à imagem da mão ritmada empunhando a enxada, o poeta quer igualar o seu ato de escrever com a ação do trabalhador braçal, ambos identificados pelas consequências modernas da violência espoliadora do processo colonial. Essa escritura poética que é, também, um instrumento de combate, teria uma grande e enorme missão: fazer com que os espoliados se conscientizem do processo do qual são vítimas. Diante da ideologia colonizadora de que fala Franz Fanon, a descolonização psicológica seria um dos objetivos dessa poesia. Voz abastecida de amor e de fraternidade que reverberaria “a todas as Áfricas” o clamor necessário para tal libertação ideológica. Notadamente, os negros “desterrados” para os *musseques* sofreriam o maior dano psicológico causado pela ideologia dominante: o esquecimento da ancestralidade e da violência histórica. Como o próprio Agostinho Neto poetiza em *Quintadeira*.

Aí vão as laranjas
como eu me ofereci ao álcool
para me anestésiar
e me entreguei às religiões
para me insensibilizar
e me atordoar para viver.

Tudo tenho dado.

Até mesmo a minha dor
e poesia dos meus seios nus
entreguei-as aos poetas.
(NETO, 1985, p.50-51)

Parte da população negra estaria atordoada por um contexto social, para ela invisível, que a manteria anestesiada e controlada na marginalidade urbana. A *quitadeira* de Agostinho Neto, como triste comerciante ambulante, vê a única possibilidade de se libertar vendendo-se a si mesma, em uma estratégia por meio da qual o poeta, progressivamente, deixa a cômoda enunciação em terceira pessoa para assumir a própria fala da vendedora: “*A quintadeira/ que vende fruta vende-se/ [...] / Talvez vendendo-me/ eu me possua*” (*ibidem*, p.49-51)

A problematização da questão estaria no fato de que a manutenção dessa situação social satisfaria apenas os interesses das elites coloniais que, desse modo, se conservariam no poder administrativo e financeiro. É com esse ímpeto de conscientização ideológica através da poesia,

² Em sua produção poética Agostinho Neto utiliza as duas formas de grafia, “muçeqes” e “musseques”.

delineado nos fragmentos dos poemas acima, que o poeta configura literariamente um texto como *Sábado nos musseques*, o quinto poema de *Sagrada Esperança*.

Nesse poema, o sujeito poético narra sua ida aos *musseques* da cidade, aos “*bairros de gente humilde*”. Ao penetrar nesse espaço urbano em um sábado, o sujeito poético – explicitamente alguém externo a esse território – nota que nos *musseques* a própria vida se confunde e se transforma em excessos passionais de desespero, esperança e em uma “*mística ansiedade*” (*ibidem*, p.38). É justamente sobre essa ansiedade que o sujeito poético irá concentrar-se, ansiedade que aparece transbordada nos significados dos “seres” e das “coisas” observadas nos *musseques*. A “*mística ansiedade*” guia o sujeito poético que penetra em um espaço diferenciado, para ele desconhecido. A “*mística ansiedade*” direciona seu olhar.

Nas cinco primeiras estrofes do poema há a descrição do espaço a partir de sensações, sons e impressões fragmentadas, delineando um lugar marcado pela miséria e pela aparente desordem pública: a lua e a pobreza iluminando as ruas ao invés da iluminação pública; barulhos e cheiros relativos ao consumo de bebidas alcóolicas; gritos de dor e alegria em uma estranha orquestração. A partir da sexta estrofe, há alternações entre as impressões sinestésicas do ambiente urbano e a narração de ações observadas e registradas pelo sujeito poético: o homem fardado perseguindo e espancando outro homem; a indiferença daqueles que tentam ignorar a ação descrição anteriormente, preocupados apenas consigo; os soldados que aguardam a passagem dos transeuntes, etc.

O que se percebe é que esses quadros passam cada vez mais acelerados pelo sujeito poético que, por sua vez, passa a descrevê-los fragmentalmente com rapidez e agilidade: “*Ansiedade no homem/ escondido em recanto escuro/violentando uma criança*” (*ibidem*, p.40). Ou ainda: “*Compadres discutindo/ escandalosamente/ velha dívida de cem mil réis/ entre os murmúrios/ da numerosa assistência*” (*ibidem*, p.40). Ou, de outro lado, a narração prossegue acompanhando o esforço do sujeito poético em apreender o ambiente através de suas percepções sensoriais justapostas. Exemplo:

A intervalos
ais de dor
lancinam ouvidos
ferem corações tímidos
e afastam-se passos
em correria angustiante
e depois dos risos da matula
desenfreada
só silêncio mistério de lágrimas de ódio
e carnes laceradas
pelas fivelas dos cinturões

(*ibidem*, p.39)

Ou, em outro trecho:

Ouvem-se
choros histéricos
ruído de cadeiras caídas
respirações ofegantes
tilintar doloroso
de louça de ferro esmaltado
e a multidão invade a casa
os desavindos expulsam-nas
e depois vem a reconciliação com risinhos de prazer.
(*ibidem*, p.41)

Talvez uma leitura interpretativa plausível seja a que compreende a incorporação dos elementos históricos referenciados na estrutura configurativa do poema. A estrutura fragmentada e rápida da exposição dos quadros (ou cenas) foi a forma de expressão encontrada pelo poeta para configurar a violência histórica sobre os povos negro-africanos. Os cacos e as ruínas da história da sociedade negro-africana são apropriados para a escrita poética em um todo estético composto a partir da lógica do fragmento. Se a história e a sociedade africana inventada pelo colonizador estão em ruínas, a equação artística só produziria uma poética em fragmentos, esforço sensível capaz de apreender literariamente o mundo objetivo falido. Nas palavras de Aimé Césaire, “uma civilização que se revela incapaz de resolver os problemas que o seu funcionamento suscita, é uma civilização decadente” (CESAIRE, 1978, p.13). Sabedor de que a historiografia oficial está viciada e é passível de suspeita, o poeta tenta apresentar a história negada pela elite colonial, recompondo esses cacos em um discurso que estaria fora da zona de alcance do poder dos dominantes, o discurso poético.

Um ponto interessante suscitado por *Sábado nos musseques* é a relação desses bairros com as forças de segurança pública do Estado. Nos *musseques*, enquanto “bairros proscritos” pela elite, a presença do Estado faz-se pela violência oficial contra a população marginalizada, tornando visível no poema a violência que administra e controla as subjetividades para manter o poder colonial.

Ansiedade
na humilde criança
que foge amedrontada do polícia
de serviço
(NETO, 1985, p.41)

Essa presença violentadora do Estado justificaria que na teoria dos “bairros proscritos” – dos espaços urbanos excluídos da presença benéfica estatal – os seus habitantes exerceriam a violência para estamparem e registrarem as suas existências, para dar “voz” aos seus sofrimentos, tornando público o sistemático processo de exclusão social (Cf. ZALUAR, 2004). Nessa característica estaria a positividade do conflito, da desordem e da transgressão que se manifesta nas situações de pobreza: a violência legítima dos marginalizados contra a violência ilegal e ilegítima do Estado a serviço das elites coloniais.

A esperança pela saída dos negro-africanos desse entorpecimento ideológico viria quando o sujeito poético, direcionado pela *ansiedade*, começa a observar as manifestações culturais: a música do samba sendo o ingrediente que faltava para tocá-los interiormente, fazer desatar o pranto e desenterrar dos confins da memória a saudade dos dias que não foram efetiva e verdadeiramente vivenciados pelos negro-africanos, dias nos quais ainda era possível falar em liberdade, memórias e tempos aprisionados pelo domínio colonial:

Ansiedade
no som da viola
acompanhando uma voz
que canta sambas idenfinidos
deliciosamente preguiçosos
pejando o ar
do desejo de romper em pranto

com a voz
passa grito de saudade
que a multidade tem dos dias não vividos
dos dias de liberdade
e a noite
bebe-lhes os anseios de vida
(NETO, 1985, p.42)

Estilisticamente, o poema se estrutura pela repetição constante da palavra *ansiedade*. Esta sendo, como vemos dissertando, a figura que introduz e direciona o olhar do sujeito poético na ida aos *musseques*. No entanto, percebe-se que a repetição constante da palavra *ansiedade* em pontos e momentos diferenciados do poema, vai modificando seu uso e seu sentido no decorrer do texto poético. Desse modo, a *ansiedade* da quarta estrofe (“Ansiedade/ sentida nos barulhos/ e no cheiro a bebidas alcoólicas/ espalhados no ar”) não coincide semanticamente com a *ansiedade* do verso: “ansiedade/ nos que descobrem multidões passivas/ esperando a hora”. O que estamos argumentando é que há uma resignificação constante da palavra *ansiedade* no corpo do poema, seu significado é agenciado dependendo da configuração poemática de cada estrofe, e dos deslocamentos de sentido em questão.

Com base nessa linha de raciocínio, focalizando o último exemplo dado, a ansiedade introduz a fala do sujeito poético na intenção de modificar totalmente a colonização psico-ideológica pela qual passam os negros moradores dos *musseques*. No processo de saída desse estágio de cegueira embriagadora, seria indispensável, como nos fala o poema *Mãos esculturais*, desmorrer os “mitos inventados nas terras áridas da dominação” (*ibidem*, p.94) de um povo que nasceu vocacionado divinamente para o trabalho servil e escravo. A “África dos atrasos seculares” (*ibidem*, p.94) precisaria ser desconstruída para a edificação de nações africanas que pudessem satisfazer as múltiplas ansiedades dos negro-africanos, daqueles que foram vítimas da *descivilização* da colonização pelo mundo ocidental. Para essa mudança histórica, revolucionária, os *musseques* deveriam ser reordenados para se firmarem enquanto trincheiras de resistência étnica e política. Desterritorializados em suas próprias terras os negro-africanos seriam reterritorializados pelo trabalho de descolonização ideológica através da poesia. E mais, essa última *ansiedade* também define uma modificação subjetiva no sujeito poético; ele deixa de ser um corpo observador, exterior aos *musseques*, e assume efetivamente os laços identitários negro-africanos que o liga aos bairros de “terra vermelha”. Isto é, tem-se no poema a constituição de um sujeito que, agora, também está contaminado pela *ansiedade* (“Ansiedade/ nos que descubrem as populações passivas/ esperando a hora”).

3. Considerações finais

Por fim, talvez ainda seja importante ponderar sobre a sequência final do poema na qual o sujeito poético, agora misturado aos *musseques*, aponta uma esperança libertadora:

Nos homens ferve o desejo de fazer o esforço supremo
para que o Homem
renasça em cada homem
e a esperança
não mais se torne
em lamentos de multidão
a própria vida
faz desabrochar mais vontades
nos olhares ansiosos dos que passam

O sábado misturou a noite
nos musseques
com mística ansiedade
e implacavelmente
vai desfraldando heroicas bandeiras
nas almas escravizadas
(*ibidem*, p.44-45)

Os últimos versos de *Sábado nos musseques*, na visão humanística de Agostinho Neto, tece um sujeito poético que já não pode restringir sua voz ao homem negro-africano. Estendendo a esperança libertadora a outros povos oprimidos no mundo, esse sujeito poético que, em *Desfile de sombras*, deseja ir em busca dos irmãos de “todas as Áfricas do mundo” (*ibidem*, p.63), deposita expectativas no despertar de cada homem irmão. Na verdade, para o poeta, os lamentos das multidões findarão quando o Homem – supremo ser e espiritualmente absoluto – renascer no coração de cada homem individualizado. Só assim, os sujeitos colonizados e oprimidos poderiam apropriar-se dos seus próprios destinos. A epifania desse Espírito Absoluto faria desabrochar as vontades potencialmente latentes nas almas escravizadas.

Na poética de Agostinho Neto, a escravidão psicológica da colonização seria tão nociva quanto a escravidão física e compulsória. Mas, como diz Franz Fanon em *Os condenados da terra* (2005), toda descolonização pressupõe necessariamente uma ação violenta de destruição de uma ordem colonial que, na verdade, não é tida como ordem, mas como desordem. Como parte desse projeto de descolonização da África Negra, Agostinho Neto reapropria-se poeticamente de parte da sociedade africana saqueada pelas elites coloniais e excluídas para os *musseques*, e rescreve-a no discurso poético afirmador de outra África a ser criada por seus filhos. Poesia que tanto projeta messianicamente uma África sem as bárbaras violências do colonizador, quanto é emblema de que o signo poético também é signo político.

Referências

- BARTHES, Roland. *Aula*. 10ªed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2002.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8ª ed. T. A. Quieroz, 2000; Publifolha, 2000.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Sá da Costa, 1978.
- COSME, Leonel. *Agostinho Neto: a poesia e o homem*. Luanda: Instituto Nacional do Livro e do Disco, s/d.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antônio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 6ª. Ed. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Trad. Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- _____. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Adriano Caldas. Rio de Janeiro: Fator, 1993.
- LOURENÇO, Manuel. O desenvolvimento da consciência em “Sagrada Esperança”. In: *África. Literatura-Arte e Cultura*. Revista trimestral. Vol. I – Nº3 – ANO I. Lisboa. jan-mar.1979.p.253-262.

- MARTINHO, Fernando J. B. O negro americano e a América na poesia de Agostinho Neto. In: *África. Literatura-Arte e Cultura*. Revista trimestral. Vol. II – N°7 – ANO II. Lisboa. jan-mar.1980. p.164-174.
- NETO, Agostinho. *A renúncia impossível*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.
- _____. Introdução a um Colóquio sobre Poesia Angolana. In: LARANJERIA, Pires. *Negritude Africana de Língua Portuguesa: textos de apoio (1947-1963)*. Coimbra: Ângelus Novus, 2000, p. 49-55.
- _____. *Sagrada esperança*. Angola: União dos Escritores Angolanos, 1985.
- PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão e post-scriptum*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- VERANI, Dalva Calvão. Agostino Neto: o lugar da poesia em tempo de luta. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa. *África e Brasil: Letras em Laços*. Rio de Janeiro: Ed. Atlântica, 2000, p.37-56.
- ZALUAR, Alba. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

Rainério dos Santos Lima

Professor de Literaturas de Língua Portuguesa do Programa de Letras da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Mestre em Letras, área de Literatura e Cultura (UFPB). Pesquisador do Círculo de Estudos Avançados em Dramaturgia (UFPB) e do grupo de pesquisa em Estéticas, Performances e Hibridismos (UFPA). E-mail: rainerio.lima@ufopa.edu.br

Enviado em 15 de setembro de 2016.

Aceito em 15 de novembro de 2016.